

## **Escravidão contemporânea e representações: uma análise do caso Madalena Santiago<sup>1</sup>** Vitória Maria da Silva SANTOS<sup>2</sup>

### **Resumo**

Qual a posição da mulher negra nas notícias veiculadas nos telejornais? No primeiro semestre de 2022, inúmeras matérias, posts e artigos acerca de pessoas resgatadas em situação de trabalho análogo à escravidão inundaram a mídia brasileira. O que existe em comum entre as vítimas? A maior parte delas são pessoas negras, e quando há o recorte no que tange ao trabalho doméstico, a presença de mulheres pretas é quase unânime. Esse fenômeno tem sido chamado de escravidão contemporânea, que, na verdade, carrega consigo os estigmas presentes no Brasil há muitos anos. Nesse contexto, o presente artigo busca analisar as representações que são transmitidas nas notícias a respeito dessa temática, tendo como foco as matérias produzidas pela Rede Bahia, acerca do caso de Madalena Santiago. Ela foi escravizada por 54 anos, sendo resgatada em 2021, mas com história compartilhada em 2022.

**Palavras-chave:** Mídia; Raça; Representação; Jornalismo; Escravidão Contemporânea.

### **1. Introdução**

“Tem diferença sim! Olha a cor”. Essa foi a frase proferida por Madalena Santiago, ao recusar pegar na mão da jornalista da TV Bahia, Adriana Oliveira. Madalena é uma das vítimas resgatadas da situação de trabalho análogo à escravidão, na Bahia. O estado ocupa o segundo lugar do Ministério Público do Trabalho e Previdência Social, com maiores índices de pessoas com direitos trabalhistas negligenciados, em tais condições. Dentre as histórias narradas pelo Bahia Meio Dia — Jornal da TV Bahia, afiliada da Rede Globo —, no Dia da Empregada Doméstica, 27 de abril de 2022, uma se destacou. A situação de Madalena foi uma das viralizou através das mídias sociais, gerando assim uma grande repercussão no país.

Diante do contexto supracitado, o presente artigo busca analisar como a imagem da mulher negra veiculada no telejornal atua na produção de representações, a partir das notícias sobre escravidão contemporânea. Para desenvolvimento do artigo, utilizamos como estratégia metodológica os estudos culturais. Visto que, esse é um meio que nos permite observar os fenômenos comunicacionais a partir dos entrelaçamentos que esses têm através do tempo.

Além disso, dedicamos nossos esforços para entender como os deslizamentos da notícia são realizados para além do telejornal. Para isso, contamos com as contribuições de Stuart Hall, acerca do sistema de representação na estereotipagem e, no modo como esse atua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT1 - Pensamento Comunicacional, do PENSACOM Brasil/2022.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: [vitoriamaria@aluno.ufrb.edu.br](mailto:vitoriamaria@aluno.ufrb.edu.br)

na produção da diferença. Nos apoiamos também nos conceitos trazidos por bell hooks, a partir da obra *Olhares Negros*. Além das contribuições de Juliana Gutmann, através da teorização do audiovisual em rede, proposta que atua na apreensão das dinâmicas do audiovisual, no ambiente digital.

Em vista disso, discutimos também o que é a escravização contemporânea, e como esse fenômeno contribui para a manutenção da violência dos corpos negros especialmente nesta pesquisa sobre os corpos de mulheres negras. Nesse mesmo sentido, o artigo se envolve com os aspectos que fazem da notícia sobre a escravização de Madalena um elemento viral. E, por fim, há uma análise no que tange o caráter dos conteúdos que compõem as matérias sobre Madalena Santiago. Objetivando entender se o telejornal atual num combate ou reforço dos estereótipos e estigmas.

## **2. Raça e representação na mídia**

Nós não passamos a esmo das imagens que adentram aos nossos olhos. Cada signo constrói determinados sentidos na nossa existência, e quando nos referimos a mídia essa tarefa possui uma conotação ainda mais relevante. O sociólogo John B. Thompson nos alerta que essa atua na manutenção de pautas que atravessam o debate público, assim implica na criação e manutenção dos vínculos de dominações (B THOMPSON, 2011). Isso nos remete ao que Stuart Hall acena na discussão sobre as relações de poder. Ao discorrer sobre essa temática, com foco nos conceitos apresentados por Michel Foucault, Hall nos situa que “as relações de poder permeiam todos os níveis da existência social e, podem, portanto, ser encontradas operando na vida social” (HALL, 2016, p. 90).

A mídia, portanto, é um dos dispositivos que são atravessados por essas dinâmicas. Nesse contexto, ao nos depararmos com a história de Madalena Santiago sendo narrada em um telejornal, a reflexão no tangente às representações presentes nessa notícia se faz relevante. Aqui, entendemos por representação o processo onde a linguagem é empregada para produzir sentidos (HALL, 2016, p. 108). Deste modo, “as coisas [...] não possuem, neles mesmos, nenhum sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós [...] que fazemos as coisas terem sentido, que lhe damos significados”(HALL, 2016, p. 108). É possível afirmar, então, que a produção de sentidos está embutida na forma de interpretação das coisas (HALL, 2016, p. 109).

Desta forma, tais representações estão vinculadas aos sistemas classificatórios que nos diferenciam e nos posicionam enquanto sujeito. Quais aspectos da nossa sociedade fizeram

com que a diferença fosse a motivação do medo presente na vida de Madalena Santiago? O racismo. Nesse sentido, consideramos como racismo qualquer fenômeno que justifique as diferenças, preferências, privilégios, dominações, hierarquias, e desigualdades materiais e simbólicas entre seres humanos baseados no conceito de raça (SCHUMAN, 2012). Por conseguinte, o posicionamos como um mecanismo que dá sustentação para determinados grupos e culturas que são localizadas como dominantes.

Percebemos, então, que ao ser posicionada no campo de disputa de poder, a alteridade, no tangente a raça, ocupa o lugar de construção discursiva. Sendo assim, é “um conceito classificatório importante na produção da diferença, um significante flutuante, deslizante, que significa diferentes coisas em diferentes épocas e lugares”. (HALL, 2016). Esse processo é definido por Hall como sistema representacional construtivista. Nesse movimento, as representações são sempre construídas “através das práticas sociais, as quais são sempre historicamente situadas e atravessadas por relações de poder” (ZUBARAN; WORTMANN; KIRCHOF, 2016).

Ao discorrer sobre a forma que o racismo se configurou na Grã-Bretanha, Hall pontua que o modo como a experiência negra era veiculada na mídia, apresentava consigo características comuns. Os aspectos identificados apresentam-se como inerentes aos modelos de funcionamento do racismo no mundo, onde culturas são inferiorizadas, tidas como menos civilizadas. Assim, "povos que ficam abaixo na ordem da cultura porque, de alguma maneira, são inferiores na ordem natural, definida por raça, cor, e, às vezes, por herança genética". (HALL; HUGHES; KHOURY, 2005)

Sendo assim, é correto afirmarmos que “as representações estão na base da construção das identidades” (ZUBARAN; WORTMANN; KIRCHOF, 2016). Aquilo que é representado na mídia, afeta também às identidades que são influenciadas a partir daquele consumo. Visto que “é a partir dos sistemas classificatórios disponíveis nas culturas em que estamos inseridos, portanto, que definimos quem somos e quem podemos ser.” (ZUBARAN; WORTMANN; KIRCHOF, 2016).

Percebemos, portanto, que ao analisarmos um produto que é apresentado na mídia, devemos considerar não só o conteúdo que é veiculado, mas também a narrativa que não é valorada na história noticiada. Hall assegura que “a realidade de raça em qualquer sociedade é, para usar um clichê, 'mediada pela mídia'”. As distorções e as simplificações da experiência, que certamente existem e, acima de tudo, as ausências” (HALL; HUGHES; KHOURY, 2005). Nesse sentido, até mesmo o não dito se torna uma ferramenta na

comunicação. Ao ignorar a implicação racial que há no que tange ao cenário de escravidão contemporânea, dentro do trabalho doméstico é não ponderar o cenário sociocultural do Brasil. Enquanto analisamos a notícia podemos apontar diversos aspectos, mas precisamos de “um método diferente se realmente quer, por assim dizer, ler os significados de uma sociedade e de sua cultura” (HALL; HUGHES; KHOURY, 2005).

Posto isto, percebemos que a representação de raça que opera no imaginário social produz sentidos. Esse, serve para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contratados, que têm características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas dentro de determinados grupos. Percebemos, então, que é criada uma escala de valores desiguais (MUNANGA, 2004). Portanto, ao visualizarmos Madalena Santiago narrando suas experiências traumáticas, nos deparamos com mais uma mulher negra que continua “em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país” (SABINO, 2016).

### **3. Escravidão contemporânea e Madalena Santiago: tema e sujeito**

O que dá sustentação a presença de corpos negros em situação de trabalho análogo à escravidão? A reflexão acerca desse contexto é urgente e necessária. Diante de décadas de lutas e combate ao racismo, ainda vemos no telejornal uma mulher negra que teve mais de 50 anos de vida com a liberdade cerceada por ser tratada como propriedade de alguém. O trabalho análogo à escravidão é um crime previsto no Código Penal desde 1940, a pena para esse tipo de dolo é de 2 a 8 anos de prisão.

A escravidão contemporânea pode ser definida por quatro elementos. Sendo esses: trabalho forçado, com cerceamento de liberdade; servidão por dívida; condições degradantes, trabalho indigno, que põe em risco a saúde e a vida; ou jornada exaustiva, que leva ao completo esgotamento.<sup>3</sup> Nesse contexto, qual o grupo que possui uma maior vulnerabilidade para serem vítimas desse tipo de crime? Mulheres negras.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), cerca de 6 milhões de brasileiros dedicam-se a serviços domésticos. 92% são mulheres, majoritariamente negras, com baixa escolaridade e não têm muitos proventos.<sup>4</sup> “Só um de cada quatro tem carteira assinada, o que dificulta a fiscalização. E o Brasil ganhou lei própria para detalhar a jornada e

---

<sup>3</sup> TOMAZELA, José Maria. **Crescem resgates de trabalho escravo doméstico no Brasil; mulheres negras são principais vítimas.** Estadão, [S. l.], p. 00, 27 jun. 2022. Disponível em: <https://bitly.com/hysMajx>. Acesso em: 27 jun. 2022.

<sup>4</sup> *Ibidem*, 2022.

direitos do trabalhador doméstico apenas em 2015”(TOMAZELA, 2022). Dentro dessa estatística, existem ainda as subnotificações e invisibilidades, inclusive, no que diz respeito à mulher negra. De acordo com a coordenadora nacional de Erradicação do Trabalho Escravo e Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas do MPT, Lys Sobral Cardoso, essa está entre as vítimas mais comuns desse tipo de crime (TOMAZELA, 2022).

Nesse contexto, é necessário que haja a problematização do espaço que tem sido ocupado por essas mulheres na narração dessas violências. O caso analisado levou Madalena a ser notícia em todo o país. Dentre as manchetes que transcenderam ao telejornal, podemos encontrar chamadas como *“Resgatada de trabalho análogo à escravidão na BA chora ao tocar em mão de repórter: ‘Receio de pegar na sua mão branca’”*.<sup>5</sup> Mais uma vez, vemos a dor como foco da notícia. Diante dessa postura, nos deparamos com uma mídia que reproduz uma visão homogeneizada. Como pontua bell hooks, esse comportamento cria “desculpas para o impacto opressor e desumanizante da supremacia branca ao sugerir que pessoas negras também são racistas indica que a cultura permanece ignorante a respeito do que é realmente o racismo e de como ele funciona”(HOOKS, 2019 p. 46).

Ao narrar acerca dos maus tratos que recebia na casa em que vivia, Madalena contou: *“Eu estava sentada na sala, ela passou assim com uma bacia com água e disse que ia jogar na minha cara. Aí eu disse: ‘Você pode jogar, mas não vai ficar por isso. Aí ela disse: ‘Sua negra desgraçada, vai embora agora’”*.<sup>6</sup> A violência contada foi praticada por Cristiane Seixas Leal, filha da família que se comportava como proprietária de Madalena. Além dos maus tratos, racismo, violência e invisibilidade, ela não recebia salários e ainda foi vítima de golpe financeiro, e teve R\$20 mil de sua aposentadoria roubados.

Para justificar o não pagamento dos proventos pelos serviços de Madalena, Sônia Seixas Leal — mãe de Cristiane — alegou que não os realizava porque a considerava como uma “irmã”. Entretanto, os sentimentos despertados em Madalena diante dessa relação estavam muito distantes de serem afetivos. O receio de pegar na mão da repórter Adriana Oliveira, fez com que a profissional reforçasse para a mulher resgatada: *“Sua mão é linda, sua cor é linda. Olhe para mim, aqui não tem diferença. O tom é diferente, mas você é mulher,*

---

<sup>5</sup> **Resgatada de trabalho análogo à escravidão na BA chora ao tocar em mão de repórter: “Receio de pegar na sua mão branca”**. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/04/28/resgatada-apos-trabalho-analogo-a-escravidao-na-ba-se-assusta-apos-tocar-em-mao-de-reporter-receio-de-pegar-na-sua-mao-branca.ghtml>>. Acesso em: 31 ago. 2022.

<sup>6</sup> Madalena Santiago em entrevista. Bahia Meio Dia – Salvador | **Trabalho análogo à escravidão: Bahia ocupa segundo lugar na lista suja do MPT | Globoplay**. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10523107/>>. Acesso em: 31 ago. 2022.

*eu sou mulher. Os mesmos direitos e o mesmo respeito que todo mundo tem comigo, tem que ter com você*”.<sup>7</sup> O temor apresentado por Madalena, nos direciona ao que Hall descreve como sistema de defesa, pois

As grandes divisões do racismo como estrutura de conhecimento e representação são também, a meu ver, um sistema profundo de defesa. São as fortificações externas, as trincheiras, as posições defensivas em torno de algo que se nega a ser domado e contido por esse sistema de representação. Toda essa energia e trabalho simbólico e narrativo destinam-se a nos segurar “aqui” e a eles “lá”, a fixar cada um no lugar que lhe é designado enquanto espécie. É uma maneira de demarcar como nossas histórias de fato se entrelaçam e se interpenetram profundamente; como é necessário “o Outro” para nosso próprio senso de identidade; como até o poder dominante, colonizador, imperialista só sabe quem e o que é e só pode sentir o prazer do seu poder de dominação na e através da construção do Outro. Os dois são os dois lados da mesma moeda. E o Outro não está lá fora de nós, mas aqui dentro de nós. Não está fora, mas dentro (HALL; HUGHES; KHOURY, 2005).

Nesse sentido, é correto afirmar que os processos comunicacionais também são envolvidos pelas relações de poder, posicionando-se no regime representacional construtivista. Ao discorrer acerca do papel da mídia na divulgação de notícias sobre trabalho escravo no Brasil, a jornalista Flávia de Almeida Moura pontua que as “ações de comunicação como o modo pelo qual emissores/receptores constroem e dispõem de efeitos de sentido na cadeia de comunicação” (MOURA, 2017).

Ao considerar a posição das representações nos processos comunicacionais, é correto nos apegarmos à discussão levantada por bell hooks. Para esse debate, é acionado o ensaio *Identidade cultural e diáspora*, de Stuart Hall. A autora nos posiciona acerca do fato de que “as maneiras pelas quais os negros, as experiências negras, foram posicionados e sujeitados nos regimes dominantes de representação surgiram como efeitos de um exercício crítico de poder cultural e normalização” (HOOKS, 2019, p. 30).

Posto isto, percebemos que Madalena Santiago não é apenas uma fonte que fala sobre um tema, mas sim um sujeito que é constituído dentro dos sistemas de representações que envolvem a sua existência. Muniz Sodré afirma que a televisão é um “controle de rostos” (SODRÉ *apud* FERRO, 2012), e é dentro desse processo que o rosto de Madalena é midiaticizado.

---

<sup>7</sup> *Ibidem*, 2022.

#### 4. O jornalismo na desconstrução dos estigmas

Falar das disparidades relacionadas à igualdade racial parece clichê, mas, de certa forma, quando falamos na contribuição que o jornalismo desempenha na diminuição desse quadro é ainda muito incipiente. Corroboramos com Muniz Sodré ao entender que a mídia é um instrumento de direcionamento na construção do pensamento de cada indivíduo, ou seja, ela, de certa forma, terá influência nas decisões, nos rumos da sociedade. (SODRÉ *apud* BORGES, 2012, p.108),

Nesse aspecto, Ana Canen nos lembra que a identidade está atrelada a diversos marcadores. Dentre esses estão raça, etnia, religião, histórias de vida, classes sociais, cultura e outros que se adquirem múltiplas facetas em contextos singulares de significação (CANEN, 2006). A autora ainda dialoga com o pensamento em questão quando diz que as estratégias de afirmação dessas identidades coletivas são construídas progressivamente. Assim, vão “desde a perspectiva da assimilação — em que a busca pela aceitação perpassa o desejo de dirimir as diferenças — passando pela perspectiva de resistência” (CASTELLS *apud* CANEN 2006).

Abordar sobre o racismo não é uma tarefa fácil, até porque esse próprio fenômeno é intrincado, obscuro e melindroso. Entretanto, esse não deve ser um subterfúgio para ignorarmos a existência e os danos do mesmo. Hall reforça acerca disso, ao dizer que

Quando olhamos quaisquer dessas narrativas populares que constroem constantemente, na imaginação de uma sociedade, o lugar, as identidades, a experiência e as histórias dos diferentes povos que vivem nela, nos tornamos instantaneamente conscientes da complexidade da natureza do próprio racismo (HALL; HUGHES; KHOURY, 2005).

No que tange a construção da identidade do Brasil, as implicações do racismo são ainda mais palpáveis e, por assim dizer, inescapáveis. Acerca dessas implicações, Nilma Lino Gomes pontua que a identidade brasileira perpassa uma construção social, cultural e histórica. Isso traduz o olhar de um grupo racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as)” (GOMES, 2005, p. 43).

Como já argumentado acima, na análise das representações apresentadas na mídia, além de levarmos em consideração os símbolos que são lançados, devemos nos atentar, principalmente, para as ausências que são notadas naquele contexto. Ao noticiar sobre as

violências cometidas contra Madalena Santiago, as implicações do racismo foram abordadas. Entretanto, estavam apresentadas de maneira tímida, não como algo legitimado pela estrutura que dá sustentação ao sistema de privilégios branco, que inferioriza e viola corpos negros. Isso é reflexo não apenas de uma sociedade que carrega ‘no viés inconsciente’ esses problemas estruturais. É, sobretudo, o reverberar de profissionais sem conhecimento e olhares sensíveis, sobre a temática das questões raciais.

Todavia, a postura diante dessas abordagens precisa ser pedagógica. É urgente que os profissionais da mídia adotem uma postura de combate, ainda que desfrutem de privilégios. Corroboramos com bell hooks ao reforçar a ideia que devemos

(...) estar dispostos a reconhecer que indivíduos com muitos privilégios, que não são injustiçados de modo algum, são capazes de trabalhar em favor dos oprimidos por meio de suas escolhas políticas. Tal solidariedade não precisa estar embasada na experiência compartilhada. Pode estar enraizada no entendimento ético e político do racismo e da rejeição à dominação de alguém. Portanto, nós podemos ver a necessidade de um tipo de educação para a consciência crítica que pode capacitar quem dispõe do poder e do privilégios baseados nas estruturas de dominação a abrir mão deles sem precisar se ver como vítima (HOOKS, 2019, p. 44-45).

Ao ser exibida no primeiro momento, a história de Madalena não recebeu a atenção no que tange às implicações raciais. Após a repercussão nas redes sociais, a matéria foi reprisada no dia seguinte (28 de abril)<sup>8</sup>, e as medidas legais adotadas para a reparação dos danos sofridos pela vítima foram o enfoque da notícia. Para introduzir a notícia a apresentadora do telejornal Bahia Meio Dia, Jéssica Senra narra:

“Ontem, alguns assuntos foram bem impactantes aqui no Bahia Meio Dia, mas sem dúvidas o caso de Dona Madalena chamou atenção. A gente contou a história, uma parte da história cruel de Dona Madalena uma trabalhadora doméstica que viveu mais de 50 anos análogos à escravidão. Vítima de agressões dos patrões ela traz as marcas do racismo. Esse assunto ganhou as redes sociais e impactou muita gente. Vamos rever um trecho”.<sup>9</sup>

Um trecho de pouco mais de dois minutos dentro de uma reportagem, tornou-se uma matéria de aproximadamente 10 minutos no dia seguinte. Após o deslizamento que aconteceu para as mídias sociais, houve um movimento de contra-agendamento e, é nesse momento que o jornal adota uma nova postura diante da história contada. A narrativa sobre a vida de

---

<sup>8</sup> Bahia Meio Dia – Salvador | **Vítima de trabalho análogo à escravidão terá apoio psicológico** | Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10527130/?s=0s>>. Acesso em: 31 ago. 2022.

<sup>9</sup> *Ibidem*, 2022.

Madalena ganhou novo capítulo, dessa vez sem ignorar o racismo na legitimação da injustiça ali noticiada. Por fim, a âncora do telejornal em questão relembra que “*racismo, violência deixam marcas profundas, deixam muitas sequelas na vida das pessoas. É preciso de muito apoio, muito acolhimento para conseguir superar esse trauma se é que é possível depois de mais de 50 anos sendo violentada*”.<sup>10</sup>

Desta forma, espera-se do jornalismo um olhar sensível a essas questões, visto que, ele pode ser considerado “um agente/fator fundamental na alteração do comportamento, interferindo inclusive no próprio processo de emergência da identidade”. (BORGES; BORGES, 2012, p.120). Maria Laura Barbosa Chaves reforça que a mídia é considerada um “estado de opinião” (CHAVES, 2008), desta forma, o que é veiculado nestes meios opera na concepção de verdades a estarem postas. É nesse contexto que o jornalismo brasileiro tem uma posição a ser tomada. Nesse processo é fundamental que a mídia adote uma postura que reverta estereótipos. E, assim, produza novos significados e provoque um “deslizamentos de sentidos, dentro de uma política de representação” contínua, infinita e construída (ZUBARAN; WORTMANN; KIRCHOF, 2016).

### **5. Madalena Santiago: um corpo viral**

A história de Madalena Santiago é narrada junto ao relato de outros trabalhadores que têm seus direitos negligenciados. Entretanto, a notícia sobre ela se destaca. Assim, a viralização nas mídias sociais é um fenômeno que merece atenção. Inclusive, porque o próprio telejornal só retoma a narrativa em decorrência da repercussão. O fator viral é fundamental para o espalhamento da notícia.

Quem nos ajuda a entender o que acontece em casos como esse é Juliana Gutmann, em sua obra *Audiovisual em rede: derivas conceituais*. Essa teorização entende que o

(...) audiovisual em rede, a forma audioverbovisual (trama de imagens, sons e textos) que se articula em rede pelas ambiências digitais, entrelaçando plataformas, corpos e sujeitos em expressões comunicacionais diversas numa dinâmica de produção, circulação e consumo em fluxo. Fluxos que nos fazem ver o quanto nossos usos da tecnologia dizem sobre velhos e novos sensoriums e têm relações com ritualidades, as ações de consumo associadas a certos rituais, competências, percepções e discursividades, com identidades e suas diversas figuras construídas enquanto processo de diferenciações e disputas. (GUTMANN, 2021, p. 12).

---

<sup>10</sup> *Ibidem*.

A perspectiva de rede adotada pela autora, e corroborada no artigo em questão, envolve conexão e confluência entre as mídias, não se tratando de uma plataforma específica. Diz muito mais acerca do

(...) espectro social pelo qual as audiovisualidades se expressam (em termos mesmo de amplitude e intensidade que o sentido de espectro carrega). Seria o próprio tecido (em rede) do audiovisual, a linguagem de nosso ecossistema pela qual se configuram os fluxos e mutações culturais, nos termos de Martín-Barbero. (GUTMANN, 2021, p. 15).

É nessa confluência de sentidos e afetos que o caso de Madalena Santiago rompe o espaço original, que foi o telejornal e desliza para as mídias sociais digitais. Enxergamos assim, as redes sociais como

(...) lugares de fluxos, trânsitos e multiplicação de corpos que se autodifundem, articulam-se e ressignificam temporalidades e espacialidades; são ambiências de mediações as mais diversas. E se audiovisual em rede é dimensão tangível da mediação, audiovisual no processo de desestabilização e reconfiguração da experiência social contemporânea, “mais digital, fluida, hipertextual e caótica” (MARTÍN-BARBERO; RINCÓN, 2019, p. 17, tradução nossa). (GUTMANN, 2021, p. 17-18).

E, nesse espaço, não posicionamos o digital como um contraponto ao analógico, muito menos como um meio que o substitui, pelo contrário, o digital “é o que constitui, nos tempos atuais, grande parte da nossa experiência no mundo imersa numa ambiência em que essas dimensões estão fortemente articuladas”. (GUTMANN, 2021, p. 22). Por isso, pensar na ideia de audiovisual em rede é entender que aquele material em vídeo hoje não se esgota em apenas uma mídia, mas tem deslizamentos, repercussões e implicações a partir de outro ou outros meios, formando assim uma “problemática geral da mediação comunicacional/cultural” (GUTMANN, 2021, p. 35).

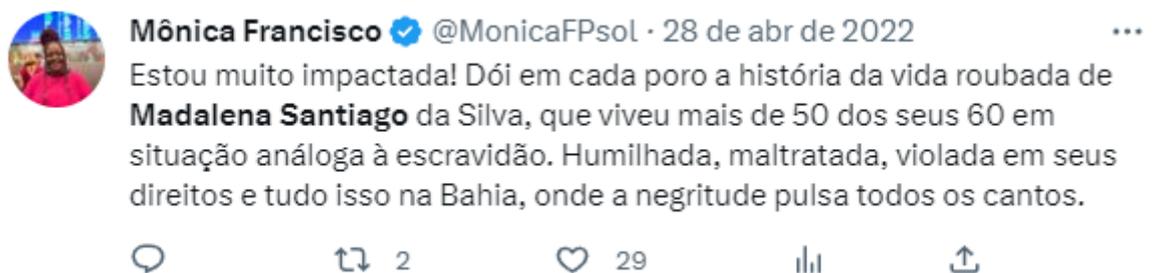
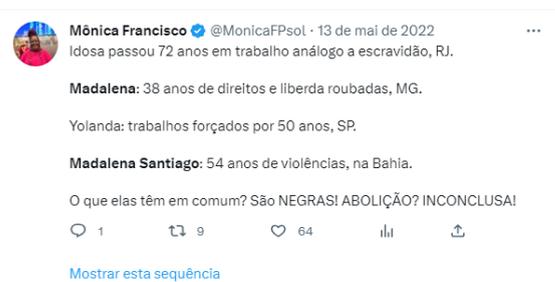
Ao entender que as experiências comunicacionais não são limitadas (GUTMANN, 2021, p. 16), devemos nos debruçar sobre afetos, construções reverberações que as notícias desencadeiam. Com a informatização, estamos cercados e consumindo novos fatos o tempo todo. Em diversos formatos e meios, com diferentes abordagens. Nesse sentido, os atravessamentos identificados na história de Madalena nos remete ao que Hall descreve como consequência da junção entre diferença e poder. O autor sugere que se

(...) formos analisar o racismo hoje, em suas estruturas e dinâmicas complexas, uma pergunta, um princípio acima de tudo, emerge como uma lição para nós. É o medo — o medo interno, assustador — de conviver com a diferença. Esse medo surge como consequência da fatal junção entre diferença e poder. E, nesse sentido, o trabalho que os estudos culturais têm que fazer é mobilizar todos os recursos intelectuais que podem encontrar para compreender o que faz com que as vidas que vivemos e as sociedades

IX PENSACOM BRASIL – 07 e 08 de dezembro de 2022

nas quais vivemos sejam profundamente anti-humanas na sua capacidade de conviver com a diferença (HALL; HUGHES; KHOURY, 2005).

Ao pesquisar sobre o termo “Madalena Santiago” no *Twitter*, encontramos indignação, revolta e identificação, como pode ser visualizado nas imagens abaixo:



Madalena Santiago não é a única e a dor sentida e televisionada, foi também transmitida, causando portanto, afetação naqueles que tiveram contato. É possível apontar que as imagens das mulheres negras veiculadas nos telejornais, referente aos casos de escravização contemporânea, operam dentro dos sistemas de representação e, são portanto,

mediadoras entre a cultura onde se insere e as experiências comunicacionais derivadas da midiaticização.

## 6. Considerações Finais

A história de Madalena Santiago ganha destaque, mas infelizmente, está mais próxima da regra do que da exceção. Quando o assunto é o trabalho de fiscalização, o Ministério Público do Trabalho reforça acerca da dificuldade de investigar crimes que acontecem em ambientes privados, como é o caso em análise. Nesse sentido, o jornalismo posiciona-se como uma ferramenta de denúncia e informação. Assim, se faz relevante, inclusive na percepção do abuso praticado por aqueles que vivem ao redor, sem conhecer sobre o crime que pode estar sendo cometido.

Entretanto, a mídia deve estar preparada para noticiar os fatos, sem ignorar as nuances socioculturais que envolvem a notícia. Não abordar tais implicações também é uma postura, pois as ausências também comunicam. O que é proferido num telejornal não é neutro e opera na construção das representações do imaginário social. Ainda no prefácio do livro *Olhares Negros*, de beel hooks, a jornalista Rosane Borges aponta que a representação supõe a adoção de outros olhares (HOOKS, 2019, p. 11). É essa reconfiguração que os materiais midiaticizados precisam propor.

Os espaços ocupados por negros no telejornal também foi abordado por Rogério Ferro, no artigo *O negro sem cor no jornalismo brasileiro*, inserido no livro *Mídia e Racismo*. Corroboramos com o ao autor ao analisarmos que

(...)em um país onde mesmo com o fim da escravidão, a história foi e continua sendo severa e até desumana com os negros; onde o preconceito em relação a este grupo permanece; onde o cotidiano continua influenciando negativamente sua autoestima, as constantes vinculações de imagens do negro nos extremos [...] omitindo sua participação (também) no campo do cidadão comum, funcionam como um ícone dos tempos da escravidão e têm consequências negativas imensuráveis e altamente prejudiciais na construção da desejável, porém inexistente, democracia racial no Brasil. A mais imediata delas está diretamente ligada à visibilidade: é o reforço dos estereótipos. (FERRO, 2012. p. 75).

Portanto, é necessário que a mídia assuma o papel que tem a exercer no processo antirracista. E, apesar de visualizarmos as consequências negativas da polarização, no que tange o combate ao racismo a mídia precisa ocupar uma posição: ou na manutenção dessa estrutura, ou no auxílio do enfraquecimento. Entendemos que “não há nada simples na

estrutura e nas dinâmicas do racismo” (HALL; HUGHES; KHOURY, 2005), mas é no meio dessa complexidade que a comunicação precisa agir. Sendo, portanto, uma ferramenta para “mobilização social como uma prática que procura gerar nos próprios agentes dos movimentos sociais a capacidade de inserir suas mensagens nos contextos globais de informação” (MOURA, 2017).

A escravidão foi abolida no papel, mas a ausência de políticas de equidade, insiste em manter os corpos negros em ambientes subalternizados. Essa notícia nos afeta porque está embutida de símbolos que não são novos para nós. Não passa a esmo aos olhos de quem vê. Localizar-se diante do fenômeno analisado também é um fator a ser ponderado. Esse não é um motivo de recuar, mas sim de perceber que se nós não falarmos, quem falará por nós? Entendemos, portanto, que falar também é defender os meus.

O jornalismo precisa estar atento às implicações socioculturais que circundam a notícia. Inclusive, às que envolvem fatores tão complexos e violentos, quanto o racismo. Visualizar o choro de Madalena é um alerta para a importância para a valorização e o amor a si do jeito certo, como alerta bell hooks. Esse é o caminho para a cura diante das injustiças (hooks, 2019, p. 53). Nesse cenário, surge a necessidade de uma comunicação que viabilize conexões morais e recíprocas, como posiciona o filósofo Roel Kuiper. Assim, vemos no aspecto dialógico um espaço para a conexão entre os comuns (KUIPER, 2019, p. 208). Corroboramos com hooks ao entender que o autoamor é uma posição revolucionária (hooks, 2019, p. 53).

Desta forma, ao deixar de lutar contra a realidade, somos capazes de encará-la de frente, para desenvolver práticas que evitem que novas Madalenas sejam vitimadas. A partir daí, veremos os muros da resistência ruir e a necessidade de uma posição bater à porta. O telejornalismo não é só mais um espetáculo, antes de tudo, é sobre a representação do real influi e corrobora na construção de representações e sentidos da nossa sociedade.

Apesar da dor vivida e do trauma que fica, a história de Madalena Santiago funciona como um grande sinalizador das violências que acontecem no território nacional. Como canta César MC: *a terra que exalta a meritocracia finge que não sabe o passado que tem, diz que é só trabalhar para ser alguém na vida, mas ‘nós só começa’ do modo ninguém.*<sup>11</sup> As condições sob as quais Madalena foi obrigada a viver comoveram o país, e fez o jornal despender a atenção necessária após a repercussão que houve da notícia. Isso não aconteceu sem razões,

---

<sup>11</sup> César MC, *Dai a César o que é de César.*. Vitória: Pineapple Storm Records, 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/4HJ1ffUdueDSeblz7wGKJo?si=9fec73d62c54848>

ocorre, inclusive, porque racismo envolto na violência é escancarado. A escravidão contemporânea, da qual Madalena foi vítima, não tem nada de novo, e, sobretudo não dá substância para o racismo ser devolvido para baixo do tapete.

## REFERÊNCIAS

- B THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna : Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa** . 2001. Ed 9. Petrópolis, Rio Janeiro:Vozes, 2011. 427 p
- Bahia Meio Dia – Salvador | **Trabalho análogo à escravidão: Bahia ocupa segundo lugar na lista suja do MPT** | Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10523107/>>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- CANEN, Ana. 2006. **Multiculturalismo e identidade escolar: desafios e perspectivas para repensar a cultura escolar**. In: Cadernos PENESB. Rio de Janeiro/Niterói, v. 6. p. 35-47
- Bahia Meio Dia – Salvador | **Vítima de trabalho análogo à escravidão terá apoio psicológico** | Globoplay. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10527130/?s=0s>>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- CHAVES, Maria Laura Barbosa. **O negro na mídia brasileira**. 2008.
- FERRO , Rogério . **O negro sem cor no telejornalismo brasileiro** . In: BORGES , Roberto Carlos da Silva; BORGES , Rosane(Org.).Mídia e Racismo . Brasília: ABPN, 2012. cap. 2, p. 64-83. Disponível em:<<http://www.abpn.org.br/novo/attachments/article/92/M%C3%ADdia%20e%20Racismo.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2016.
- GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no brasil: uma breve discussão**. In: SANTOS. Sales Augusto dos et al. Educação Anti - Racistas caminhos abertos pela lei federal nº 10.639\03. Brasília: [s.n.], 2005. cap2, p.39-61. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=658-vol2an\\_tirac-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=658-vol2an_tirac-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 31 out. 2016.
- GUTMANN, Juliana Freire, **Audiovisual em rede [livro eletrônico]: derivas conceituais** / Juliana Freire Gutmann. - Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021. 104p.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Org. Arthur Ituassu. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Apicuri, 2016. p. 260.
- HALL, Stuart; HUGHES, Helen; KHOURY, Yara Aun. **Raça, cultura e comunicações: olhando para trás e para frente dos estudos culturais**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 31, 2005.
- HOOKS, B.; PAULOS. **Olhares negros raça e representação**. [s.l.] São Paulo Elefante Editora, 2019.
- KUIPER, Roel. **Capital moral: o poder de conexão da sociedade**. Trad.Francis Petra Janssen — Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019. 310 p.
- LUIZ, Marcelo Sabino. **A mulher negra no mercado de trabalho: a pseudoequidade, marcada pela discriminação da sociedade e a mídia no século 21**. Disponível em <<http://goo.gl/LmszX7>> Acessado: 24 de maio de 2016.
- MOURA, Flávia Almeida. **A participação da rede de combate ao trabalho escravo na mídia brasileira**. Revista Extraprensa, v. 11, n. 1, p. 39-58, 2017.
- MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In. A.A.P Brandão (org.), *Cadernos Penesb* (pp. 15-34) Niterói, RJ: EdUFF. 2004.

SCHUCMAN, L. V. (2012). **Sim, nós somos racistas: estudopsicossocial da branquitude paulista.** *psicologia& sociedade*, 83-93.

TOMAZELA, José Maria. **Crescem resgates de trabalho escravo doméstico no Brasil; mulheres negras são principais vítimas.** Estadão, [S. l.]. 27 jun. 2022. Disponível em: <https://bityli.com/hysMajx> . Acesso em: 27 jun. 2022.

ZUBARAN, Maria Angélica; WORTMANN, Maria Lúcia; KIRCHOF, Edgar Roberto. **Stuart Hall e as questões étnico-raciais no Brasil: cultura, representações e identidades.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 56, 2016.